

Do Populismo Reacionário ao Exterminismo: yup- pies, neggers e trolls

Moysés Pinto Neto

RESUMO: O *paper* examina as formações discursivas e modos de subjetivação que operam como máquinas de guerra na produção do exterminismo enquanto alternativa de futuro. Para tanto, apresenta a forma discursiva do cinismo tal como desenvolvida por Vladimir Safatle e o caso do *negger*, citado por Benjamin Noys, para pensar uma subjetivação que valida sua atitude *contra* o próprio eixo normativo que reconhece como legítimo. Após, a partir dos ensaios de Angela Nagle e Dale Beran, utiliza o exemplo dos “nerds do 4Chan” para pensar o avanço do exterminismo a partir de um discurso cínico que, mediante um humor brutal e mencionando referências contraculturais, torce as relações entre constativo e performativo e reabre brechas para a violência permear a esfera pública.

Palavras-chave: Exterminismo; Populismo; Cinismo; Troll; Negger; Redes sociais.

ABSTRACT: This paper examines the discursive formations and modes of subjectivation that function as war machines in the production of extermination as an alternative for the future. For that, it presents the discursive form of Cynicism, as developed by Vladimir Safatle, and the case of the ‘negger’, cited by Benjamin Noys to imagine a subjectivity that values its attitude against the normative axis that recognizes as legitimate. Then, from Angela Nagle and Dale Beran essays, uses the example of the ‘nerds of 4Chan’ to reflect about the progress of the extermination from a cynical discourse that, through brutal humor and mention the countercultures, twists the relations between constative and performative, and reopens gaps for violence to permeate the public sphere.

Key-word: Exterminism; Populism; Cynicism; Troll; Negger; Social networks.

1. O Exterminismo

Gradualmente, após a quebra do sistema financeiro em 2008, o ciclo de lutas de 2011-2014 e as surpresas eleitorais do período 2016-2018, os principais quadrantes da disputa política no século XXI vão se delineando¹. O grande consenso gerador da ideia de “fim da história” das três dé-

.....
1 Esse texto é parte do projeto “Política especulativa”, no qual tento cartografar as principais forças políticas que o futuro aponta, sobretudo a partir do evento Antropoceno, e continua dois textos que se encontram em fase de publicação, “Quatro cenários do fim do mundo” e “Política na era da visibilidade total: The Waldo Moment”, repetindo alguns dos temas ali colocados. políticas que o futuro aponta, sobretudo a partir do evento Antropoceno, e continua dois textos que se encontram em fase de publicação, “Quatro cenários do fim do mundo” e

cadadas anteriores desaba, fazendo convergir o abalo da democracia liberal e o capitalismo financeiro globalizado. O momento é chamado por muitos inspirados em Gramsci de “interregno”. Por isso, conceitos como o populismo desenvolvido por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe voltam como alternativas². Sua primeira manifestação no novo cenário veio no Podemos, estratégia de desenvolvimento de um partido-movimento espanhol sob a liderança de Pablo Iglesias, a partir da qual propunha o abandono da velha imagem da unidade das esquerdas e a construção de um novo vocabulário cidadão e popular. O populismo progressista buscava quebrar o grande domínio tecnoplutocrático que cumula interesses de rentistas, banqueiros, empresários e políticos profissionais, contestando seus privilégios da “casta” a partir da organização dos “de baixo”³. Mais tarde, tanto movimentos organizados em torno a políticos de perfil socialista, como Bernie Sanders e Jeremy Corbyn, quanto intelectuais da esquerda irão reivindicar para si o selo de populismo anti-*establishment*⁴.

Uma ameaça reacionária, no entanto, também assombra o cenário. Composto pelo descontentamento das classes trabalhadoras com a piora das condições de trabalho, a ausência de horizonte de futuro e movido pelo ressentimento social, esse segmento dirige-se contra as elites políticas e culturais e culpa ambas pelo modelo atual. Com isso, fabrica inimigos como bodes expiatórios entre as minorias, sobretudo imigrantes e refugiados, e produz a nostalgia compartilhada da “Era de Ouro” do passado pré-global e pré-multicultural em que havia uma relativa “ordem moral” consensual e tradicional, não raro remetendo inclusive a uma visão nacionalista na política econômica que contraria o neoliberalismo mais estrito em sua demanda pela abertura dos mercados, o barateamento da mão-de-obra pelo deslocamento da indústria para a Ásia e entrada de imigrantes sem garantias legais⁵.

“Política na era da visibilidade total: The Waldo Moment”, repetindo alguns dos temas ali colocados.

2 *Vide* Laclau & Mouffe 2004; Mouffe 2005; Laclau 2007.

3 Conferir Iglesias 2015, pp. 9-32, especialmente pp. 22-23.

4 Por exemplo, Srnicek e Williams, 2015, pp. 156-162; Fraser, 2018.

5 Nancy Fraser faz uma análise muito interessante do “populismo reacionário”, dividindo a política contemporânea em quatro grandes linhas a partir de dois eixos (populismo/neoliberalismo no eixo distributivo e progressismo/reacionarismo no eixo do reconhecimento). Para Fraser, o populismo reacionário é reflexo de um abandono da classe trabalhadora em face da adoção pela esquerda do

Não há dúvidas que é Donald Trump, com seu lema “Make America Great Again”, quem sintetiza melhor esse novo espectro, composto também por grande fatia dos votantes pelo Brexit na Inglaterra, o farto apoio que levou Marine Le Pen ao segundo turno francês, os novos governos da Hungria e da Polônia, a Aurora Dourada na Grécia, o renascimento da extrema direita na Alemanha e, no Brasil, o fascismo militarista de Jair Bolsonaro. Esse arco, no entanto, deve ser estendido para todas as alternativas de *fechamento estrutural do regime* que se combinam com as tecnologias de vigilância contemporâneas e portanto abrange também, em graus distintos, China, Rússia, Turquia e, como casos-limite, as teocracias do Oriente Médio e a Coreia do Norte. Numa escala ascendente, são todos exemplos de autoritarismo estatal e social combinado ao nacionalismo reacionário. Com a notável exceção chinesa, esse modelo em geral é simplesmente *orientado ao passado* e, quando confrontado com os desafios tecnológicos e a crise ambiental, funciona em nível de denegação⁶. Mesmo assim, como veremos, essa é apenas uma face desse projeto.

Em “Four Futures”, Peter Frase imagina quatro cenários de futuro pós-capitalista a partir do impacto da automação e da crise ambiental. Tomando as variáveis hierarquia e escassez, Frase divide as quatro alternativas em comunismo (igualdade e abundância), socialismo (igualdade e escassez), rentismo (hierarquia e abundância) e exterminismo (hierarquia

vocabulário neoliberal, adotando como compensação as políticas de reconhecimento. Assim, “Enquanto Sanders denunciou a ‘economia manipulada’ em acentos universalistas e igualitários, Trump tomou emprestada a mesma frase, mas coloriu-a de nacionalismo e protecionismo. Duplicando os tropos exclusivos de longa data, ele transformou o que tinham sido ‘meros’ assobios de cães em explosões de racismo, misoginia, islamofobia, homo e transfobia, e sentimento anti-imigrante. A base da “classe trabalhadora” que sua retórica conjurava era branca, heterossexual, masculina e cristã, baseada na mineração, perfuração, construção e indústria pesada. Em contrapartida, a classe trabalhadora que Sanders cortejava era ampla e expansiva, englobando não apenas os trabalhadores das fábricas da Rust Belt, mas também os trabalhadores do setor público e de serviços, incluindo mulheres, imigrantes e pessoas de cor” (Fraser, 2018). A análise de Fraser, no entanto, não envolve o problema que aqui está colocado porque está focada na classe trabalhadora contingentemente direcionada a Trump. Aqui, não se está diante de um populismo meramente reacionário marcado por uma inconformidade social e nostalgia do passado, mas de uma *paixão por abolição* – como mostraremos no final – que ultrapassa o próprio reacionarismo e envolve, no seu discurso chauvinista e autodepreciativo, uma espécie de suicídio por desistência. Por isso, em vez da categoria “reacionário” para identificar esse populismo, preferi a terminologia de Peter Frase chamando-o “exterminista”.

6 Latour, 2017.

e escassez)⁷. Evidentemente, trata-se de projeção especulativa das quatro grandes forças do século XX: comunismo, anarquismo, liberalismo e fascismo, embora numa nova chave diante da reorganização das forças produtivas e dos modos de subjetivação.

Não é difícil perceber que, observando o quadro de Frase, estaríamos nesse cenário mais próximos das imagens de um futuro de hierarquia e escassez, associando a tendência “exterminismo”. Frase retira a expressão de um ensaio do historiador E. P. Thompson no qual identifica as tendências comuns do capitalismo e do comunismo de serem dominados pelo complexo industrial-militar na época, entendendo que ambos carregavam em comum a categoria do exterminismo, isto é, uma sociedade na qual – sob vários graus, incluindo economia, política e ideologia – a direção está voltada para a eliminação das multidões. Usando uma imagem do filme *Elysium* (2013), Frase destaca que, ao contrário do parecido concorrente *Jogos Vorazes* (2012), ali não se tratam apenas de distritos que existiriam para produzir os recursos necessários para o alto luxo de uma elite, mas simplesmente uma existência reduzida a uma espécie de prisão em um grande campo de concentração no qual os indivíduos trabalhariam para produzir as próprias armas que os mantêm prisioneiros. Em um cenário no qual o trabalho humano torna-se completamente dispensável diante da automação geral, toda necessidade de negociação se tornaria desnecessária e quem está fora da elite, matável⁸.

No caso de Trump, cuja estratégia se alastra pelo resto do mundo, há uma peculiaridade interessante no regime discursivo *troll* que o difere das teocracias fundamentalistas e mesmo dos exemplos autoritários do Leste Europeu. Tendo-se consolidado a consciência de que o racismo e outras formas de violência simbólica são reprováveis e por isso não-enunciáveis *enquanto tais* na esfera pública, o discurso *troll* consegue capilaridade na medida em que se coloca como um *humor brutal*, jogando na zona de indecidibilidade entre o sério e o jocoso. Todas as figuras emblemáticas que se abastecem da economia das redes sociais e dos *trolls* já entenderam e jogam com essa zona gris. Eles conseguem canalizar a insatisfação popular pelo magnetismo da piada que, torcendo a ordem séria do discurso,

.....
7 Frase, 2016, p. 29.

8 Fraser 2016, pp. 120-128. Bruno Latour – em um esforço de cartografia política parecido - desenvolve sua análise do trumpismo a partir do vetor ecológico e o considera como o primeiro *diretamente* centrado na ecologia – ainda que pela sua denegação. Sua visão não seria da pós-verdade, mas da *pós-política*, uma vez que ela rejeita o próprio mundo que finge habitar (Latour 2017).

diz o obsceno. Forma-se, assim, uma espécie de populismo idiossincrático cujo regime discurso procuro analisar em seguida aproximando, ao final, do risco inédito do exterminismo generalizado. Procuro examinar aqui as formações discursivas e modos de subjetivações que operam como máquinas de guerra para a viralização dessa posição.

2. Negger

Um dos elementos em comum no prestígio de políticos fascistas no mundo inteiro parece ser a utilização, sobretudo por meio das redes sociais, de um discurso que se situa nesse ponto cínico e chauvinista. O cínico, como destacou Vladimir Safatle, é diferente do hipócrita: este age de uma forma e prega de outra. Sua contradição é entre teoria e prática, ideia e ação. O cínico, ao contrário, *vive a contradição performativa*, isto é, assume que, embora reconheça o sinal invertido na sua ação (“agir assim é errado, eu sei”), confirma-a como a única possível (“no entanto, é o único jeito”). Assim, o problema da dissociação não existe mais: o cínico reconhece a impostura normativa da sua ação, mas a crítica não é mais capaz de o vincular. O cínico não é desmascarável, como o hipócrita: ele é que supostamente desmascara, sempre mostrando que o outro pode ser tão canalha quanto ele próprio⁹.

O cínico não está longe do personagem examinado por Benjamin Noys: o *negger*. Este seria um dos modos de subjetivação da cultura contemporânea que, sob influência do neoliberalismo e sua forma de lidar com o amor enquanto espécie de negociação corporativa, planeja o ataque sexual de modo estratégico diante das mulheres. Segundo ele, “the negger is a malign ventriloquist, suppressing their ‘self’ to articulate a social negation of the ‘value’ of the targeted woman. For the strategy to work the woman must be a ‘high value’ target, must be vulnerable to being treated in an off-hand manner”¹⁰. E segue:

Negging is the obscene underside, to use Žižek phrase, of the ‘affirmative’ culture of neoliberal capitalism. It is the officially licensed domain of obscene enjoyment that confirms the official ‘affirmative’ culture and supplements it with a neg-ativity that expresses its ‘truth’. So the official culture of neoliberal culture explicitly rejects bad feelings, encou-

.....
⁹ Safatle 2008, pp. 28-29.

¹⁰ Noys, 2017, p. 1.

raging the attitude of 'smile or die'. This is given its most extreme form in New Age ideologies, such as Louise Hay's affirmations that explain any illness or fault as the responsibility of the subject. The neoliberal subject standing before the mirror enunciating their self-affirmations goes out into the world to be, potentially, torn down by the strategy of negging or, we could add, what negging reveals as the culture of neg-ativity that is the true inverse of these affirmations¹¹.

Mas enquanto o cínico que Safatle descreve e o *negger* de Noys são predominantemente os *yuppies* do “novo espírito do capitalismo” pós-68, o “lobo de Wall Street” —rico, libertino e hedonista—, o momento atual parece estar gestando o cínico chauvinista, espécie de reacionário obtuso, ignorante, brutal. Se o *yuppie* pode performar seu dar de ombros enquanto reflexo da condição social privilegiada, o *troll* cria outro tipo de cinismo que se estabelece pela revolta.

Assim, consegue-se canalizar a insatisfação popular pelo magnetismo da piada que, torcendo a ordem séria do discurso, diz o obsceno. Safatle já havia detectado no humor um mecanismo cínico de afirmação do poder, ao referir – com base no diagnóstico de Jean-François Lyotard – que ao contrário do ocultamento do caráter fetichista dos processos de determinação do valor, “teríamos o cinismo de práticas capazes de duplicar seu próprio sistema de representações, tomando a todo momento uma distância brechtiana em relação àquilo que elas próprias enunciam, tal como em uma eterna paródia”¹². Para Adorno, segue Safatle, o fascismo seria esse riso que vem do poder, mencionando que “ninguém acreditava na mitologia do fascismo, nem sequer seus porta-vozes, mas *cria-se*”¹³.

3. A Máquina de Guerra

É com os conceitos de cinismo de Safatle e de *negger* de Noys que podemos compreender melhor a maquinaria de guerra que o belíssimo ensaio de Dale Beran¹⁴ narra sobre o papel do 4chan e dos trolls, publicado logo após as eleições norte-americanas, acompanhando esse movimen-

.....
11 Noys, 2017, p. 2.

12 Nagle 2017, pp. 91-92.

13 Nagle 2017, p. 97. Conferir ainda a ótima análise do caso italiano em Berardi, pp. 76-94.

14 Beran 2017, s/p.

to numa interessante descrição da trajetória que esses fóruns foram desenvolvendo. Mais tarde, com “Kill All Normies: online culture wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the alt-right”, de Angela Nagle, essa perspectiva alcança finalmente sua maior clareza. Esses dois textos capitais nos permitem visualizar o ponto de encontro entre o *troll* e o *negger*.

Nagle se propôs investigar todo ecossistema que ia dos “nerds dos 4Chan” até a “alt-right” apoiadora de Trump, fazendo uma espécie de etnografia das “guerras culturais online”. Partindo do clima de vitória irrestrita do “neoliberalismo progressista”¹⁵, Nagle analisa a passagem de um político semiletrado como George W. Bush para um personagem “articulado, sofisticado, erudito e cosmopolita” como Barack Obama e a distância que separa esse cenário da eleição de Trump com Hillary Clinton no outro lado lamentando a “cesta de deploráveis” que o apoiavam. Diferentemente das guerras culturais dos anos 60 e 90, quando havia uma disputa entre jovens liberais e velhos conservadores, agora a disputa se dá com uma vanguarda de adolescentes *gamers* e outras “tribos” virtuais cujo humor obscuro e amor pela transgressão torna duvidoso se o que é dito é genuíno ou apenas, como eles mesmos dizem, “for the lulz”¹⁶. Segundo Nagle,

The triumph of the Trumpians was also a win in the war against this mainstream media, which is now held in contempt by many average voters and the weird ironyladen Internet subcultures from right and left, who equally set themselves apart from this hated mainstream. (...) we see online the emergence of a new kind of anti-establishment sensibility expressing itself in the king of DIY culture of memes and user-generated content that cyberutopian true believers have evangelized about for many yers but had not imagined taking on this particular form¹⁷.

.....
15 Fraser, 2017. Dunker também visualiza o fenômeno no Brasil: Ganhando visibilidade e reconhecimento, nossos modos de pensar e praticar relações entre gêneros, classe, raça, etnia, padrão de consumo ou religião cultivam valores de diversidade e tolerância até o ponto em que estes se invertem em práticas de segregação e violência identitária. Quero crer que a grande novidade desse conjunto de movimentos está em pensar que nossas relações mais cotidianas e nossos hábitos mais simples replicam e atualizam relações de poder. Surgiu assim a versão nacional da aliança entre um neoliberalismo mitigado em matéria de economia e uma nova pauta de liberalização dos costumes (Dunker 2018, pp. 15-16).

16 Nagle 2017, pp. 1-2.

17 Nagle 2017, pp. 2-3.

O mesmo afirma Dale Beran:

Também como adolescentes, os usuários do 4chan eram profundamente sensíveis e se protegiam. Disfarçavam sua própria sensibilidade (ou seja, o medo de ficarem sozinhos para sempre) atrás de uma insensibilidade extrema.

As regras, como tudo no site, sempre eram, em parte, brincadeira. Tudo tinha que ser feito com pelo menos um pouco de ironia.

Era uma via de fuga, uma maneira de nunca ser obrigado a admitir para os pares que se estava de fato exprimindo algo de coração –em outras palavras, um meio de ocultar a própria vulnerabilidade.

Não importa o que o usuário dissesse ou fizesse, sempre poderia acrescentar que tinha sido de zoeira, “for the lulz” [variante plural de lol, que indica risadas, como kkk]¹⁸.

Assim, segundo Nagle e Beran, haveria um deslocamento da herança “contracultural” para os grupos de *nerds* descontentes com os avanços das políticas de reconhecimento e das pautas culturais em geral. Apropriando-se do que Nagle trata como um rastro comum nas culturas romântica, surrealista, punk, situacionista e sessentista em geral, identificaria no elogio da transgressão seu eixo comum, revoltando-se contra o “politicamente correto” (PC). Nagle cita exemplos que vão de Sade a Joy Division para demonstrar a ambivalência da cultura transgressiva, não raro carregando marcas significativas de misoginia na sua apologia do perigo e da sexualidade. Ela opõe Nietzsche e Freud – pensadores normalmente aproximados – por considerar que enquanto o primeiro compensa sua própria fragilidade física com uma apologia da vontade de poder, o último se caracterizaria por colocar a transgressão como anti-civilizatória¹⁹.

.....
¹⁸ Beran, 2017.

¹⁹ Nagle 2017, pp. 29-36. Sem dúvida trata-se de um ponto altamente controverso da obra de Nagle, provavelmente o menos consistente, ao adotar claramente uma leitura negativa da contracultura baseada em ideias bem próximas, como ela própria reconhece, de Christopher Lasch. Segundo ela, Lasch “applied the Freudian conception of transgression as anti-civilizational to his critique of the vacuous nihilism and narcissism of post 60s American consumer society” (idem, p. 36). Uma elaboração melhor da relação na qual os *neggers* aparecem como “contra-contracultura” está em Noys: “Negging is not simply one of the ‘new’

Algumas linhas após, completa: “Just as Nietzsche appealed to the Nazis as a way to formulate a right-wing anti-moralism, it is precisely the transgressive sensibility that is used to excuse and rationalize the utter dehumanization of women and ethnic minorities in the alt-right online sphere now”²⁰.

Não é difícil realmente contrapor afirmações absurdas (como de um “genocídio branco”) ou refutar seus erros crassos (estatísticas ou estereótipos falsos). O problema é que, ao adotar essa indistinção entre piada e verdade, a resposta mesma que corrige o erro cai no papel moral do superego numa era em que a perversão corre solta. Está-se, assim, em um duplo jogo que é uma armadilha: de um lado, a parte sacerdotal, a “lição de moral” triste fica na conta daqueles que querem contraditar o discurso do humor brutalizado (chamado então de “politicamente correto”); de outro, os próprios cínicos, na medida em que falam sem precisar de um chão de coerência (a validade normativa é menos importante que a performance na superfície), tomam para si a condição de vítima, de censurados e de patrulhados, aproveitando muitas vezes a atitude de superioridade moral que o outro polo coloca sobre si. Segundo Nagle,

The strangest feature of this online “call-out culture” as this mixture of performative vulnerability, self-righteous wokeness and bullying. The online dynamics of this call-out culture were brilliantly described by Fisher as “driven by a priest’s desire to excommunicate and condemn, an academic-pedant’s desire to be the first to be seen to spot a mistake, and a hipster’s desire to be the one of the in-crowd”. I would add to this that the key driving force behind it is about creating scarcity in an environment in which virtue is the currency that can make or break the career or social success of an online user in this milieu, the counterforce of which was the anonymous underworld from which the right-wing

counter-cultures, which freely borrows elements from past counter-cultures to construct its ‘retro-sexism’ as the expression of a ‘true’ freedom. It is a counter counter-culture, amplifying the worst elements of the counter-culture (sexism, a de-linked vision of life, radical individualism, etc.) and using those to neutralize any thinking of freedom as a social form by confining freedom to the freedom to enjoy on the sexual marketplace” (2017, pp. 11-12).

²⁰ Nagle 2017, p. 38.

Tem-se, assim, um não-diálogo que vai contaminando a esfera pública e tornando os polos cada vez menos comunicantes, aumentando o fosso na medida em que a estratégia chauvinista vai funcionando²². O politicamente correto (PC), ao eliminar a interpretação fora do campo do literal, é o alvo perfeito para o crescimento reativo desse fascismo: ao ser *phonie*, este joga no nível “meta” da linguagem que torna indecível se o dito é realmente objeto ou não de crença pelo emissor. O *obsceno*, assim, não se situa no nível do ocultamento, daquilo que ninguém sabe (e precisa ser desmascarado), mas na capacidade de criar uma performatividade indecível diante de um constativo escandaloso -- jogando no nível que o politicamente correto não alcança pelo seu literalismo moralista. Assim, dentro desse arranjo, só resta ao PC o papel de polícia moral.

Não nos enganemos, contudo, quanto à natureza política da reversão: ela é conservadora porque, ao jogar no indecível o performativo entre sério e jocoso, deixa de lado o conteúdo do enunciado – que, no fim das contas, é apenas uma reprodução banal da violência do *status quo*. Ao querer tocar o real por meio do obsceno, destruindo a positividade do espetáculo com uma pseudocrítica, a atitude reacionária apenas reafirma numa duplicação irônica aquilo contra a qual supostamente ela estaria revoltada. Só que a estratégia PC apenas retroalimenta esse mecanismo, gerando o feedback esperado pelo reacionário – recolocando-o na posição de outsider a partir do policiamento da seriedade²³. O reacionário, falando uma estupidez, parece inteligente, enquanto o PC, policiando o conteúdo com uma constatação inteligente, parece estúpido porque “não entendeu a piada” (ironia). Inverte-se, numa simetria de duas diagonais, a relação inteligência/stupidez e burrice/inteligência. Uma estrutura em que ambos veem o outro lado como estúpido porque pensam que *sabem* algo que

.....
21 Nagle 2017, p. 76.

22 “O sentimento social que alterna o desamparo e a solidão com o medo pela guerra de todos contra todos cria um tipo de laço que não é mais baseado no risco da palavra, mas na garantia da proteção por identificação. Para criar algum sentimento de pertencimento, é preciso participar de um grupo codificado, e para isso é preciso responder de forma homogênea. Porém, os grupos horizontais, definidos pela partilha de um traço comum, rapidamente foram substituídos por grupos de guerra, muito mais fáceis de constituir, baseados no ódio contra um inimigo comum” (Dunker 2018, p. 35).

23 Ver ainda Nagle 2017, pp. 18-19 e 68-85.

o outro *não sabe*. Formalizo abaixo essa estrutura:

Enunciado/ Enunciador	Constativo	Performativo	Racionalização
Troll	Estúpido (-)	Inteligente (+)	“Ele não entendeu a piada”.
PC	Inteligente (+)	Estúpido (-)	“Ele não sabe o que diz”.

Uma vez que o capitalismo global é simpático ao PC e inclusive o vislumbra como oportunidade econômica, a revolta contra a integração cai para o lado da idiosincrasia, onde se identifica com o reacionarismo (o local ou comunitário sempre está associado à tradição, enquanto o universal provocaria o desenraizamento)²⁴. Ao separar o efeito performativo do constativo, alegando a piada (e com isso a metalinguagem que se separa da linguagem-objeto do enunciado literal), os trolls criam uma zona de opacidade que se contrapõe à visibilidade e à performance absoluta que caracteriza o PC (onde até mesmo o desejo é inquirido em relação aos seus preconceitos, suas paixões sujas, etc.). Nesse mecanismo em que Mal é (+) e Bem é (-), ou seja, o sistema chega a um ponto de saturação no qual a revolta, a dissidência, passa a ter sinal positivo. Abaixo formalizo a situação:

Enunciador/ Enunciado	Constativo	Performativo	Ambiência	Posição
Troll	Estúpido (-)	Inteligente (+)	Idiosincrático (-)	Subversivo (+)
PC	Inteligente (+)	Estúpido (-)	Universal (+)	Integrado (-)

No entanto, a posição de revolta não se estabelece a partir de parâmetros claros de indignação no mundo *troll*. Trata-se de um “pessimismo

.....
²⁴ Latour acrescenta o negacionismo climático como um elemento central da nova equação direita/esquerda e local/global: “On ne se rend pas assez compte que la question du climato-négationnisme organise toute la politique du temps présent. C’est donc bien légèrement que les journalistes parlent d’une politique ‘postverité’. Ils ne soulignent pas pourquoi certains ont décidé de continuer à faire de la politique en abandonnant volontairement le lien à la vérité qui les terrifiait – avec raison. Ni pourquoi les gens ordinaires ont décidé – eux aussi avec raison – de ne plus croire en rien. Au vu des couleuvres qu’on voulu leur faire avaler, on comprend qu’ils se méfient de tout et ne veuillent plus rien entendre” (Latour 2017).

desorganizado” que atira para todos os lados sem saber direcionar exatamente qual é o mote da indignação. Trabalha-se a partir de uma desorganização cognitiva em torno das causas e efeitos dos problemas.

4. Do ressentimento ao suicídio: o neggertroll encontra a paixão por abolição

Laclau afirma que a construção do populismo envolve as seguintes teses:

(1) el surgimiento del pueblo requiere el pasaje – vía equivalencias – de demandas aisladas, heterogéneas, a una demanda ‘global’ que implica la formación de fronteras políticas y la construcción discursiva del poder como fuerza antagónica; (2) sin embargo, como este pasaje no se sigue de un mero análisis de las demandas heterogéneas como tales – no hay una transición lógica, dialéctica o simétrica de un nivel al outro – debe intervenir algo cualitativamente nuevo. Es por eso que el hecho de ‘nombrar’, la ‘nominación’, puede tener efecto retroactivo (...). Este momento cualitativamente diferenciado es lo que hemos denominado ‘investidura radical’. (...) está claro que si una entidad se convierte en el objeto de una investidura – como estar enamorado u odiar -, la investidura pertenece necesariamente al orden *del afeto*²⁵.

Agora voltemos à descrição de Dale Beran sobre os nerds do 4Chan. Segundo ele, a imagem que tínhamos de uma classe trabalhadora descontente com a perda dos direitos acumulados ao longo dos “Trinta Gloriosos” já não é mais fiel ao novo público que engrossa fileiras ao lado de Trump.

Estamos acostumbrados a ver todos os políticos brandindo o mesmo retrato desbotado de 65 anos atrás sempre que voltam seu olhar para o eleitorado americano.

Mas, se colocarmos de lado essa velha fotografia,

.....
²⁵ Laclau 2007, p. 142.

qual é a cara real do eleitorado americano? Após décadas de declínio, como mudou aquela imagem de um pequeno empresário dos anos 1950 que tem sua casa própria nos subúrbios?

Para as gerações mais jovens, que nunca tiveram os mesmos empregos, mas apenas a mitologia dos empregos, essa parte da narrativa é clara. A América, e talvez a própria existência, é uma cascata de promessas e anúncios vazios.

Assim, esses partidários de Trump têm uma ideologia diferente. Não um pensamento de “quando meu cavalo vai ganhar”, mas um trollador e autodepreciativo “sei que meu cavalo nunca vai ganhar”.

Os eleitores mais jovens de Trump sabem que entregam o dinheiro a alguém que nunca vai fazer as apostas deles, porque, afinal, nunca houve alternativa.

Nesse sentido, o comportamento incompetente, errático e ridículo de Trump é o pilar em que se apoiam seus partidários mais jovens²⁶.

Não por acaso Pepe the Frog representa Trump. Há algo mais aí:

Pepe simboliza a pessoa que abraça a condição de perdedor, que a reconhece e a aceita. É uma cultura de desesperança, de saber que “o sistema é manipulado”. Mas, em vez de combater tudo isso, a resposta é fugir. Saber-se preso nessa circunstância é razão para festejar. Para esses rapazes, votar em Trump não é uma solução, é uma pegadinha vingativa²⁷.

Na medida em que elimina toda complexidade em torno a causas e efeitos seu apelo de nomeação do inimigo, o populismo serve para alimentar uma casca vazia de pautas produzidas na confusão generalizada mesclada ao humor brutal. Serve como espécie de válvula de escape – fuga

.....
²⁶ Beran 2017.

²⁷ Beran 2017.

mesmo – de uma geração sem imagem de futuro mais próspero e socialmente frustrada, formando significantes vazios a partir de uma estrutura paródica na qual eles próprios figuram como perdedores. Sob esse prisma, o discurso cosmopolita e liberal envolvido no politicamente correto é confundido com um elitismo cultural e atravessa os segmentos por meio do ressentimento. Se, como diz Laclau, o vínculo é *afetivo*, então os afetos que guiam esses grupos são reativos, em especial relacionados com a masculinidade ferida. Mas, como não há pautas substantivas a ser defendidas, uma vez que a revolta está capturada pelo próprio sistema como parte sua e o regime discursivo funciona sob a forma denegatória, a dimensão performativa cobre tudo e a relação com a política não traz organização ou ideias, mas apenas a uma insatisfação de um desejo voraz.

Deleuze e Guattari advertiam que entre os perigos de uma economia libidinal nas relações entre desterritorialização e reterritorialização estavam o Medo (eixo mais simples identificado com os eleitores conservadores e com o polo molar), a Clareza (o microfascismo que atua no nível molecular, quando “tudo está claro no microscópio”) e o Poder (que gira em torno aos segmentos duros no nível molar e molecular ao mesmo tempo). Mas eles advertem que de todos os riscos há um quarto ainda mais perigoso: a *paixão por abolição*. Nela, há “um estranho desespero, como que um odor de morte e de imolação, como que um estado de guerra do qual se sai destruído”. No quarto perigo a linha de fuga atravessa o muro e sai dos buracos negros, “mas que, ao invés de se conectar com outras linhas e aumentar suas valências a cada vez, *ela se transforme em destruição, abolição pura e simples, paixão de abolição*”²⁸.

No Brasil, recentemente, vimos cartazes que reivindicam: “intervenção militar urgente! Militares salvem a democracia!”. Essa parece a mesma compulsão suicida da qual Deleuze e Guattari pareciam alertar.

BIBLIOGRAFIA

BERAN, Dale. 2017. “Trump, os nerds do 4chan e a nova direita dos Estados Unidos”. Trad. Clara Allain. Folha de São Paulo. Ilustríssima, edição de 19.03.2017,

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1996. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34

DUNKER, Christian. 2017. “Subjetividade em tempos de pós-verdade”.

.....
²⁸ Deleuze e Guattari, 1996, pp. 111-112.

In: Ética e pós-verdade. Porto Alegre: Dublinense.

FRASE, Peter. 2016. Four Futures: life after capitalism. London/New York: Verso.

FRASER, Nancy. 2018. "Do neoliberalismo progressista a Trump, e além". Revista Movimento, Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/02/do-neoliberalismo-progressista-a-trump-e-alem-nancy-fraser/>.

IGLESIAS, Pablo. junh/ago 2015. "España en la encrucijada". New Left Review, 95.

LACLAU, Ernesto. 2007. La razón populista. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

_____. 2017. Emancipation(s). London/New York: Verso.

_____ & MOUFFE. , 2004. Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia. Buenos Aires: Fondo da Cultura Económica.

LATOURE, Bruno. 2017. Où atterrir. Paris: La Decouvert, [edição kindle].

MOUFFE, Chantal. 2005. On the political. London/New York: Routledge

PINTO NETO, Moisés. Quatro cenários do fim do mundo. No prelo.

_____. Política na era da visibilidade total: The Waldo Moment. No prelo.

NAGLE, Angela. 2017. Kill All Normies: online culture wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the alt-right. Winchester/Washington: Zero Books.

NOYS, Benjamin. 2017. He's just not that into you: Negging and the Manipulation of the Negativity, Disponível em: https://www.academia.edu/13442052/He_s_just_not_that_into_you_Negging_and_the_Manipulation_of_the_Negativity.

SAFATLE, Vladimir. 2008. Cinismo e falência da crítica. São Paulo: Boitempo

SRNICEK, Nick e WILLIAMS, Alex. 2015. Inventing the future. London/ NY: Verso.